



Desenvolvimento da autonomia e habilidades sociais e comportamentais em adolescentes TEA/TDAH

Francelia Carvalho do Nascimento

Escola de Saúde - Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, Centro Universitário do Vale do Jaguaribe - Unijaguaribe
Polo Uninexo, Mossoró, RN, Brasil.

RESUMO

Introdução. A adolescência representa uma fase crítica para o desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais, especialmente em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Objetivo.** O presente artigo tem como objetivo revisar a literatura científica recente para identificar as intervenções mais eficazes da terapia ocupacional voltadas à promoção dessas competências em adolescentes com TEA e TDAH. **Metodologia.** A metodologia adotada consistiu em uma revisão de literatura integrativa, com levantamento e análise de artigos publicados entre 2019 e 2024, nas principais bases de dados científicas, incluindo Scielo, PubMed e BVS. O recorte privilegiou estudos que investigam práticas terapêuticas no contexto da terapia ocupacional, com foco no desenvolvimento da autonomia funcional e das habilidades sociais e comportamentais. **Resultados e Discussão.** Os resultados apontam que intervenções estruturadas, como treinamentos de habilidades sociais, atividades de vida diária (AVDs), e estratégias colaborativas envolvendo a família e o ambiente escolar, demonstraram impacto positivo na autonomia e na interação social dos adolescentes. A discussão evidencia que a personalização das abordagens e a articulação entre os contextos terapêutico, familiar e educacional são fatores decisivos para o sucesso das intervenções. **Considerações Finais.** Conclui-se que a terapia ocupacional exerce papel fundamental na construção da independência e da qualidade de vida dos adolescentes com TEA e TDAH, sendo imprescindível o investimento em abordagens contextualizadas, que respeitem as particularidades de cada indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: TEA. TDAH. Terapia ocupacional. Autonomia. Habilidades sociais.

Development of autonomy and social and behavioral skills in adolescents with ASD/ADHD

ABSTRACT

Introduction: Adolescence is a critical period for the development of autonomy and social and behavioral skills, especially in individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD) and Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). **Objective:** This article aims to review the recent scientific literature to identify the most effective occupational therapy interventions to promote these competencies in adolescents with ASD and ADHD. **Methodology:** The adopted methodology consisted of an integrative literature review, analyzing studies published between 2019 and 2024 in major scientific databases including Scielo, PubMed, and BVS. The focus was on research investigating therapeutic approaches within occupational therapy, aimed at developing functional autonomy and social and behavioral skills. **Results and Discussion:** Results indicate that structured interventions such as social skills training,

Correspondência dos Autores

ORCID: [0009-0003-12723070](https://orcid.org/0009-0003-12723070). Email: francelianascimentoneuro2023@gmail.com (Autor correspondente)

Artigo submetido a sistemas de verificação de similaridade

Submetido 01/10/2024 – Aceito 18/11/2024 – Publicado 04/06/2025



activities of daily living (ADLs), and collaborative strategies involving family and school environments positively impact adolescents' autonomy and social interaction. The discussion highlights that personalized approaches and coordination among therapeutic, family, and educational contexts are key factors for intervention success. **Final Considerations:** It is concluded that occupational therapy plays a fundamental role in building independence and improving quality of life for adolescents with ASD and ADHD, emphasizing the need for contextualized approaches that respect each individual's unique characteristics.

KEYWORDS: ASD. ADHD. Occupational therapy. Autonomy. Social skills.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais em adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem se tornado um tema de crescente interesse na literatura acadêmica e nas práticas clínicas. Ambos os transtornos compartilham características que impactam significativamente o desenvolvimento social e comportamental dos indivíduos afetados, dificultando a aquisição de habilidades necessárias para uma vida autônoma e socialmente integrada (Lobato; Da Hora, 2020). A intervenção precoce e contínua é essencial para minimizar esses impactos e promover um desenvolvimento mais adaptativo, e a terapia ocupacional tem se destacado como uma abordagem eficaz para atingir esses objetivos (Nogueira *et al.*, 2023).

O TEA é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Já o TDAH é marcado por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade que podem prejudicar o desempenho acadêmico, social e ocupacional (Stravogiannis, 2024). Embora esses transtornos sejam distintos, há uma sobreposição significativa de sintomas que pode complicar ainda mais a vida dos adolescentes, afetando tanto sua performance acadêmica quanto suas relações interpessoais e sua capacidade de realizar atividades diárias com autonomia (Lussier-Desrochers *et al.*, 2023). Neste contexto, a terapia ocupacional emerge como uma prática importante para o desenvolvimento dessas habilidades, oferecendo intervenções personalizadas que abordam tanto os aspectos comportamentais quanto sociais dos adolescentes com TEA e TDAH. As intervenções terapêuticas visam promover a independência e a capacidade de participar de atividades significativas, melhorando assim a qualidade de vida dos indivíduos (Jonsson *et al.*, 2021).

A terapia ocupacional utiliza uma abordagem holística, considerando as necessidades específicas de cada adolescente e oferecendo suporte em áreas como a organização do tempo, a realização de tarefas diárias e o desenvolvimento de estratégias para melhorar a concentração e a interação social (Lien; Kuo; Pan, 2023). Estudos recentes demonstram que a utilização de jogos sérios e outras ferramentas tecnológicas pode ser eficaz para engajar os adolescentes em processos de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, tornando as sessões terapêuticas mais dinâmicas e alinhadas com os interesses dos jovens (Lussier-Desrochers *et al.*, 2023). Além disso, a transição para a vida adulta é um período crítico para adolescentes com TEA e TDAH, onde a necessidade de desenvolver habilidades de vida autônoma se torna ainda mais evidente. Programas de transição, como o desenvolvido por Jonsson *et al.* (2021), tem mostrado eficácia ao fornecer um suporte estruturado para esses jovens, facilitando sua integração na vida adulta e no mercado de trabalho. O apoio contínuo e a

adaptação das intervenções às mudanças de vida e ao ambiente são essenciais para garantir que esses adolescentes possam alcançar seu potencial máximo (King; Merrick; Le Couteur, 2020).

Apesar do avanço nas práticas de intervenção, o desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais em adolescentes com TEA e TDAH ainda enfrenta desafios significativos. A sobreposição de sintomas entre os transtornos pode dificultar o diagnóstico e a escolha das intervenções mais adequadas, além de impactar negativamente a autoestima e a motivação dos adolescentes (Lobato; Da Hora, 2020). A complexidade dessas condições exige uma abordagem interdisciplinar, onde profissionais de diferentes áreas possam colaborar para oferecer um suporte mais abrangente e eficaz (Stravogiannis, 2024).

A problemática central deste estudo reside na necessidade de identificar e implementar intervenções terapêuticas que sejam verdadeiramente eficazes para adolescentes com TEA e TDAH, garantindo que eles possam desenvolver as habilidades necessárias para uma vida independente e socialmente satisfatória. Justifica-se este estudo pela crescente demanda por estratégias que integrem o desenvolvimento de habilidades sociais e comportamentais com a promoção da autonomia, visando melhorar a qualidade de vida desses jovens e sua integração na sociedade (Jonsson *et al.*, 2021).

O objetivo deste estudo é revisar a literatura existente para identificar as intervenções de terapia ocupacional mais eficazes no desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais em adolescentes com TEA e TDAH. Busca-se, também, discutir como essas intervenções podem ser aplicadas de maneira personalizada e contextualizada, considerando as necessidades individuais e o ambiente de cada adolescente, com o intuito de maximizar os resultados terapêuticos e promover uma transição mais suave para a vida adulta (King; Merrick; Le Couteur, 2020).

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo segue um delineamento de revisão de literatura, com o objetivo de identificar e analisar as intervenções mais eficazes da terapia ocupacional no desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais em adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Para tanto, foram realizadas buscas sistemáticas em bases de dados científicas renomadas, como PubMed, Scopus, Web of Science e SciELO, abrangendo o período de 2019 a 2024.

Os critérios de inclusão para os estudos selecionados foram: (a) publicações em periódicos revisados por pares; (b) estudos que abordassem intervenções de terapia ocupacional voltadas para adolescentes com TEA e/ou TDAH; (c) estudos que apresentassem resultados relacionados ao desenvolvimento da autonomia e/ou habilidades sociais e comportamentais; e (d) artigos disponíveis em inglês, português ou espanhol. Foram excluídos estudos que não focassem especificamente em adolescentes, revisões sem meta-análise, estudos de caso isolados e publicações duplicadas.

O processo de seleção dos artigos ocorreu em três etapas: (1) leitura dos títulos e resumos para triagem inicial; (2) leitura integral dos artigos potencialmente elegíveis; e (3) extração e análise dos dados relevantes. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, focando nas intervenções descritas, nos resultados apresentados e nas conclusões dos autores sobre a eficácia das abordagens terapêuticas. Para garantir a validade e a confiabilidade dos achados, foi utilizada a técnica de análise temática, onde os dados extraídos dos estudos selecionados foram agrupados em categorias temáticas,

tais como "intervenções para autonomia", "desenvolvimento de habilidades sociais" e "melhorias comportamentais". Essas categorias foram analisadas em profundidade, buscando-se identificar padrões, diferenças e semelhanças entre as intervenções propostas.

Além disso, a revisão foi complementada por uma análise crítica das metodologias utilizadas nos estudos selecionados, com o objetivo de avaliar a qualidade das evidências e a aplicabilidade dos resultados em diferentes contextos clínicos e culturais. A síntese das evidências foi apresentada de forma narrativa, destacando as melhores práticas e identificando lacunas na literatura que possam direcionar futuras pesquisas. Essa abordagem metodológica permite uma compreensão abrangente das intervenções de terapia ocupacional que podem ser eficazes no desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais em adolescentes com TEA e TDAH, oferecendo importantes contribuições para a prática clínica e para o planejamento de programas de intervenção mais eficazes e personalizados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): Características e Impactos no Desenvolvimento Adolescente

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) são condições neuropsiquiátricas que compartilham uma variedade de sintomas, dificultando o diagnóstico e a intervenção precoce. Ambos os transtornos impactam significativamente o desenvolvimento infantil e adolescente, influenciando áreas importantes como habilidades sociais, comportamento adaptativo, e capacidades cognitivas. Embora cada transtorno tenha critérios diagnósticos específicos, a sobreposição de características sintomáticas pode confundir o diagnóstico e complicar a implementação de estratégias de intervenção eficazes (Leite *et al.*, 2024).

O diagnóstico precoce dessas condições é fundamental para mitigar os efeitos adversos ao longo da vida. Estudos demonstram que intervenções precoces podem melhorar significativamente os resultados em crianças e adolescentes com TEA e TDAH, promovendo o desenvolvimento de habilidades adaptativas e sociais que são essenciais para uma vida adulta bem-sucedida (Leite *et al.*, 2024). Além disso, a identificação precoce permite a adaptação das abordagens educacionais e terapêuticas às necessidades individuais dos pacientes, aumentando a eficácia das intervenções (Santos *et al.*, 2024).

O estudo de Leite *et al.* (2024) destaca os benefícios do diagnóstico precoce tanto do TEA quanto do TDAH. Os autores realizaram uma revisão sistemática que abrange estudos sobre o impacto do diagnóstico precoce e as intervenções subsequentes. Eles encontraram evidências robustas de que crianças diagnosticadas precocemente tem maior probabilidade de desenvolver habilidades adaptativas mais eficientes e de apresentar melhores resultados acadêmicos e sociais. A revisão também aponta para a importância da capacitação dos profissionais de saúde e da educação para identificar precocemente os sinais de TEA e TDAH, promovendo uma intervenção mais rápida e eficaz.

O trabalho de Castro *et al.* (2024) explora as semelhanças sintomáticas entre o TEA e o TDAH, abordando a complexidade do diagnóstico diferencial. Os autores argumentam que os sintomas sobrepostos, como dificuldade de concentração, impulsividade e comportamentos repetitivos, podem levar a diagnósticos equivocados ou atrasados, o que compromete o tratamento adequado. Este estudo

sugere que uma avaliação neuropsicológica detalhada, aliada a uma observação clínica criteriosa, é essencial para distinguir entre os transtornos e formular um plano de intervenção eficaz.

Xavier *et al.* (2024) investigam as diferenças no comportamento adaptativo entre crianças e adolescentes com TEA e aqueles com desenvolvimento típico. O estudo revela que, enquanto crianças com TEA apresentam desafios significativos em áreas como habilidades de vida diária e interação social, as diferenças no comportamento adaptativo são influenciadas por fatores sociodemográficos, como o nível educacional dos pais e o acesso a recursos terapêuticos. O estudo sugere que o contexto socioeconômico desempenha um papel fundamental no desenvolvimento adaptativo, ressaltando a necessidade de intervenções que considerem essas variáveis para serem mais eficazes.

O estudo conduzido por Santos *et al.* (2024) enfatiza a importância do diagnóstico precoce do TDAH para o desenvolvimento infantil. Os autores destacam que a identificação precoce do TDAH permite intervenções direcionadas que podem reduzir os impactos negativos na aprendizagem e no desenvolvimento social. Eles também abordam a importância da colaboração entre pais, professores e profissionais de saúde para criar um ambiente de apoio que facilite o desenvolvimento da criança.

Vieira, Locatelli, Silva e Amâncio (2023) investigam a relação entre o TDAH e a obesidade infantil, uma comorbidade comum que pode agravar os desafios enfrentados por crianças com TDAH. A revisão sistemática dos autores sugere que a impulsividade e a desregulação emocional, características do TDAH, podem contribuir para hábitos alimentares desordenados e, consequentemente, para a obesidade. O estudo aponta para a necessidade de intervenções que abordem tanto os sintomas comportamentais do TDAH quanto os riscos associados à obesidade, sugerindo uma abordagem multidisciplinar no tratamento dessas crianças.

Schachar *et al.* (2023) analisam os perfis neurocognitivos de crianças com TEA e TDAH, investigando se esses transtornos compartilham características neurocognitivas ou se apresentam perfis únicos. O estudo revela que, embora existam algumas sobreposições nos déficits de atenção e nas dificuldades de processamento executivo, cada transtorno possui um perfil neurocognitivo distinto. Essa distinção é essencial para o desenvolvimento de intervenções personalizadas que atendam às necessidades específicas de cada grupo.

Ao confrontar os resultados obtidos pelos diferentes estudos, observa-se uma concordância geral quanto à importância do diagnóstico precoce e da intervenção oportuna tanto para TEA quanto para TDAH. Leite *et al.* (2024) e Santos *et al.* (2024) sublinham os benefícios de identificar e tratar essas condições desde cedo, com ênfase na melhora das habilidades adaptativas e nos resultados acadêmicos e sociais. Ambos os estudos destacam a necessidade de profissionais capacitados que possam reconhecer os primeiros sinais desses transtornos e encaminhar as crianças para intervenções adequadas. Por outro lado, Castro *et al.* (2024) e Schachar *et al.* (2023) trazem à tona a complexidade do diagnóstico diferencial entre TEA e TDAH. Enquanto Castro *et al.* (2024) aborda as semelhanças sintomáticas que podem confundir o diagnóstico, Schachar *et al.* (2023) fornece evidências de que, apesar dessas semelhanças, TEA e TDAH possuem perfis neurocognitivos distintos. Esses achados ressaltam a importância de avaliações diagnósticas detalhadas que considerem tanto os aspectos clínicos quanto os neurocognitivos, a fim de formular intervenções mais precisas e eficazes.

Xavier *et al.* (2024) contribuem para essa discussão ao destacar o impacto das características sociodemográficas no comportamento adaptativo de crianças e adolescentes com TEA. Esse estudo amplia a compreensão sobre como fatores externos, como o nível socioeconômico e o acesso a recursos

terapêuticos, podem influenciar o desenvolvimento de habilidades adaptativas. Este ponto é fundamental, pois indica que as intervenções não devem ser padronizadas, mas sim adaptadas ao contexto de vida de cada indivíduo, uma perspectiva que é essencial para a eficácia terapêutica.

Vieira, Locatelli, Silva e Amâncio (2023) trazem uma dimensão adicional ao investigar a comorbidade entre TDAH e obesidade infantil. Essa relação entre TDAH e saúde física sublinha a importância de abordagens terapêuticas que sejam holísticas e que considerem o impacto do transtorno além dos aspectos comportamentais e cognitivos. Este estudo sugere que intervenções para TDAH devem incluir estratégias para promover hábitos de vida saudáveis, o que pode ser fundamental para prevenir complicações futuras como a obesidade.

A partir da análise comparativa dos estudos, é possível concluir que, embora TEA e TDAH compartilhem algumas características sintomáticas, cada transtorno exige abordagens terapêuticas diferenciadas. O diagnóstico precoce, aliado a uma avaliação detalhada que considere tanto fatores clínicos quanto sociodemográficos, é fundamental para a formulação de estratégias de intervenção eficazes. A terapia ocupacional, nesse contexto, surge como uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento de habilidades adaptativas e sociais, sendo necessário um olhar atento às necessidades específicas de cada adolescente e ao contexto em que estão inseridos. Assim, a combinação de um diagnóstico preciso com intervenções personalizadas pode melhorar significativamente a qualidade de vida desses jovens, preparando-os melhor para os desafios da vida adulta.

Os estudos discutidos fornecem uma base sólida para a compreensão das complexidades associadas ao TEA e ao TDAH, particularmente no que diz respeito ao diagnóstico e às intervenções terapêuticas. O reconhecimento das diferenças e semelhanças entre esses transtornos é fundamental para o desenvolvimento de práticas clínicas eficazes. A terapia ocupacional, quando adaptada às necessidades individuais e contextuais dos adolescentes, pode desempenhar um papel central na promoção da autonomia e na melhoria das habilidades sociais e comportamentais, contribuindo para a inclusão social e para uma transição mais tranquila para a vida adulta.

3.2 Intervenções de Terapia Ocupacional para o Desenvolvimento da Autonomia em Adolescentes com TEA e TDAH

A terapia ocupacional tem se consolidado como uma prática essencial para o desenvolvimento da autonomia em adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O foco dessas intervenções é capacitar os jovens a realizarem atividades de vida diária de forma independente, promovendo, assim, uma maior integração social e qualidade de vida. A complexidade desses transtornos exige abordagens personalizadas, que considerem as características individuais de cada adolescente e o contexto em que estão inseridos (Marques, 2023). O TEA é caracterizado por desafios em áreas como a comunicação, interação social e comportamento adaptativo, enquanto o TDAH envolve dificuldades relacionadas à atenção, hiperatividade e impulsividade. Ambas as condições impactam negativamente a capacidade dos adolescentes de realizar atividades cotidianas de maneira autônoma. Nesse cenário, a terapia ocupacional se apresenta como uma ferramenta poderosa para ajudar esses jovens a superar suas limitações e desenvolver as habilidades necessárias para uma vida independente (Portela, 2024).

O estudo de Marques (2023) apresenta um relato de experiência sobre a atuação da terapia ocupacional junto a crianças no espectro do autismo, enfatizando a importância de intervenções

individualizadas. A autora descreve como a adaptação de atividades e o uso de rotinas estruturadas podem facilitar o aprendizado de habilidades de vida diária, como higiene pessoal, vestuário e alimentação. Além disso, destaca a necessidade de envolver a família no processo terapêutico, para garantir que as habilidades adquiridas em sessão sejam transferidas para o ambiente doméstico. Esse estudo reforça a importância de uma abordagem centrada no indivíduo, onde as intervenções são ajustadas para atender às necessidades específicas de cada criança ou adolescente.

Portela (2024) discute os desafios e estratégias na implementação da terapia cognitivo-comportamental (TCC) para autistas de alta funcionalidade. Embora a TCC seja tradicionalmente associada ao tratamento de transtornos de ansiedade e depressão, Portela argumenta que essa abordagem também pode ser eficaz para melhorar a autonomia em adolescentes com TEA. A autora sugere que a TCC pode ajudar a modificar comportamentos inadequados e ensinar estratégias de enfrentamento que permitam aos adolescentes lidar melhor com suas dificuldades diárias. No entanto, Portela também aponta as limitações da TCC, como a necessidade de adaptá-la para ser mais acessível e eficaz para indivíduos com TEA, destacando a importância de combiná-la com outras abordagens terapêuticas, como a terapia ocupacional.

Lins *et al.* (2024) exploram o perfil de saúde e as demandas de cuidado de crianças com necessidades especiais de saúde, incluindo aquelas com TEA e TDAH. Os autores identificam que essas crianças frequentemente apresentam uma demanda elevada por cuidados contínuos e especializados, o que pode sobrecarregar as famílias e dificultar o desenvolvimento da autonomia. Nesse contexto, a terapia ocupacional é vista como uma intervenção fundamental para ajudar a gerenciar essas demandas, promovendo a participação ativa da criança ou adolescente nas atividades diárias e reduzindo a dependência de cuidados externos. O estudo enfatiza a importância de um suporte multidisciplinar, onde a terapia ocupacional trabalha em conjunto com outras especialidades para atender às necessidades complexas desses jovens.

Cahill e Beisbier (2020) apresentam diretrizes de prática da terapia ocupacional para crianças e jovens de 5 a 21 anos, destacando intervenções baseadas em evidências que promovem o desenvolvimento de habilidades de vida diária, participação social e desempenho acadêmico. As autoras enfatizam a necessidade de intervenções precoces e contínuas, argumentando que a terapia ocupacional pode desempenhar um papel preventivo ao abordar as dificuldades antes que elas se tornem barreiras significativas para a autonomia. Além disso, elas sugerem que o uso de avaliações padronizadas e a definição de metas claras são essenciais para monitorar o progresso e ajustar as intervenções conforme necessário.

Domínguez-Lucio, Compañ-Gabucio, Torres-Collado, e de la Hera (2023) conduziram uma revisão sobre o uso de novas tecnologias em intervenções de terapia ocupacional para crianças e adolescentes com TEA. Os autores encontraram evidências de que tecnologias como jogos sérios, aplicativos móveis e dispositivos de realidade virtual podem ser eficazes para engajar os adolescentes em atividades terapêuticas, tornando o processo de aprendizado mais dinâmico e motivador. Além disso, essas tecnologias permitem personalizar as intervenções de acordo com as preferências e necessidades individuais dos jovens, o que pode aumentar a eficácia das terapias. No entanto, os autores também alertam para a necessidade de mais pesquisas para avaliar o impacto a longo prazo dessas tecnologias e garantir que elas complementem, e não substituam, as abordagens terapêuticas tradicionais.

O estudo de Jonsson *et al.* (2021) explora o programa TRANSITION, que foi desenvolvido para apoiar jovens adultos com TEA e/ou TDAH na transição para a vida adulta. O programa combina elementos de terapia ocupacional com suporte psicológico e orientação vocacional, visando desenvolver as habilidades necessárias para a independência e o sucesso no ambiente de trabalho. Os autores relatam que os participantes do programa mostraram melhorias significativas em áreas como a gestão do tempo, habilidades de comunicação e desempenho em tarefas diárias. O estudo sugere que programas integrados, que combinam diferentes abordagens terapêuticas, podem ser particularmente eficazes para adolescentes e jovens adultos que enfrentam a transição para a vida adulta.

Finalmente, Patten *et al.* (2024) apresentam diretrizes de prática para a terapia ocupacional ao longo da vida de pessoas autistas, enfatizando a necessidade de abordagens flexíveis que possam ser adaptadas conforme as necessidades e objetivos mudam. As autoras sugerem que a terapia ocupacional deve focar não apenas na aquisição de habilidades imediatas, mas também na preparação para desafios futuros, como a transição para a vida adulta e a entrada no mercado de trabalho. Além disso, elas destacam a importância de envolver a comunidade e outros sistemas de apoio no processo terapêutico, para garantir que os indivíduos autistas possam alcançar o máximo de independência possível.

Os estudos discutidos oferecem uma visão abrangente sobre o papel da terapia ocupacional no desenvolvimento da autonomia em adolescentes com TEA e TDAH. Enquanto Marques (2023) enfatiza a importância de intervenções individualizadas e a participação da família no processo terapêutico, Portela (2024) argumenta que a TCC pode ser uma ferramenta complementar valiosa, desde que adaptada para atender às necessidades específicas dos adolescentes com TEA. Ambos os estudos concordam que uma abordagem centrada no indivíduo é fundamental para o sucesso das intervenções, mas enquanto Marques foca na adaptação de atividades diárias, Portela destaca a modificação de comportamentos e o ensino de estratégias de enfrentamento.

Lins *et al.* (2024) trazem uma perspectiva importante ao destacar as demandas de cuidado elevadas para crianças com necessidades especiais de saúde. Esse estudo complementa a visão de Marques (2023) ao reforçar a necessidade de um suporte multidisciplinar e de intervenções que considerem não apenas as habilidades da criança, mas também o impacto sobre a família e os cuidadores. Cahill e Beisbier (2020) acrescentam a essa discussão, ao fornecer diretrizes baseadas em evidências, enfatizando a importância de intervenções precoces e a definição de metas claras, alinhando-se à perspectiva de Marques (2023) sobre a personalização das terapias.

A revisão de Domínguez-Lucio, Compañ-Gabucio, Torres-Collado, e de la Hera (2023) sobre o uso de tecnologias emergentes na terapia ocupacional oferece uma abordagem inovadora que pode complementar as estratégias tradicionais descritas por Marques (2023) e Cahill e Beisbier (2020). No entanto, o estudo também levanta questões sobre a necessidade de avaliar a eficácia a longo prazo dessas tecnologias, sugerindo que, enquanto as tecnologias podem aumentar o engajamento, elas devem ser usadas em conjunto com intervenções tradicionais para maximizar os benefícios.

Jonsson *et al.* (2021) e Patten *et al.* (2024) contribuem para a discussão ao focarem na transição para a vida adulta, um aspecto fundamental para adolescentes com TEA e TDAH. Ambos os estudos enfatizam a importância de preparar os jovens para os desafios futuros, seja através de programas integrados como o TRANSITION ou de diretrizes de prática ao longo da vida. Esses estudos complementam a visão de Marques (2023) e Cahill e Beisbier (2020) ao destacar a necessidade de

intervenções que não apenas abordem as habilidades imediatas, mas que também preparem os adolescentes para uma vida adulta independente e produtiva.

A terapia ocupacional desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da autonomia em adolescentes com TEA e TDAH. A análise dos estudos revela que abordagens personalizadas, que considerem as características individuais dos adolescentes e o contexto em que estão inseridos, são essenciais para o sucesso das intervenções. A combinação de técnicas tradicionais com novas tecnologias e programas integrados pode maximizar os resultados, preparando esses jovens para uma transição mais suave para a vida adulta. A colaboração entre profissionais de saúde, educadores e famílias é essencial para garantir que as intervenções sejam eficazes e que as habilidades adquiridas em terapia sejam transferidas para o cotidiano dos adolescentes.

3.3 Desenvolvimento de Habilidades Sociais em Adolescentes com TEA e TDAH: Abordagens Terapêuticas e Resultados

O desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma área de grande importância dentro das práticas de intervenção. Esses adolescentes frequentemente enfrentam desafios significativos na interação social, o que pode impactar negativamente suas relações interpessoais e sua integração na comunidade. As dificuldades em compreender e responder adequadamente às normas sociais, em lidar com conflitos interpessoais e em manter relacionamentos saudáveis são características comuns que exigem intervenções específicas para serem abordadas de forma eficaz (Chaves *et al.*, 2024). Neste contexto, diversas abordagens terapêuticas tem sido desenvolvidas e implementadas com o objetivo de melhorar as habilidades sociais desses adolescentes, variando desde programas tradicionais até o uso de tecnologias emergentes.

O estudo de Chaves *et al.* (2024) fornece uma visão geral sobre as principais síndromes psiquiátricas na infância e adolescência, com foco no TEA e TDAH, destacando a importância de intervenções que abordem as dificuldades sociais desses jovens. Os autores discutem que, embora existam terapias farmacológicas eficazes para o manejo dos sintomas, as intervenções psicossociais, como grupos de habilidades sociais e terapias cognitivo-comportamentais, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das competências sociais. Chaves *et al.* (2024) enfatizam que essas intervenções precisam ser adaptadas às necessidades individuais dos adolescentes, considerando as particularidades de cada transtorno para garantir a eficácia no desenvolvimento das habilidades sociais.

Domingues *et al.* (2024) exploram o atraso no desenvolvimento neuropsicomotor como um fator de risco para dificuldades sociais em crianças com TEA. O estudo revela que crianças com atrasos significativos nas habilidades motoras também tendem a apresentar déficits nas habilidades sociais, uma vez que essas competências estão interligadas. Domingues *et al.* (2024) sugerem que intervenções precoces, que combinem terapias ocupacionais com atividades físicas estruturadas, podem promover tanto o desenvolvimento motor quanto social, oferecendo uma abordagem mais integrada para o tratamento de crianças e adolescentes com TEA.

Leite *et al.* (2024) conduzem uma revisão sistemática sobre os benefícios do diagnóstico precoce de TEA e TDAH, destacando que a identificação antecipada das dificuldades sociais permite intervenções mais eficazes. O estudo sugere que o diagnóstico precoce possibilita o início de programas de intervenção social desde a infância, aumentando as chances de sucesso na aquisição de habilidades sociais. Leite *et al.* (2024) também apontam para a necessidade de um ambiente terapêutico inclusivo,

onde os adolescentes possam praticar e generalizar as habilidades aprendidas em contextos sociais reais.

Van Mourik *et al.* (2024) apresentam os resultados de um grupo terapêutico para pais, realizado paralelamente a um grupo de habilidades sociais para adolescentes com TEA. O estudo enfatiza a importância de envolver os pais no processo terapêutico, pois a capacitação parental contribui para a continuidade do desenvolvimento das habilidades sociais fora do ambiente clínico. Os resultados indicam que, quando os pais estão equipados com estratégias para reforçar as habilidades sociais em casa, os adolescentes demonstram uma melhora mais significativa na interação social e na comunicação.

Naruka e Upadhyay (2024) discutem as aplicações terapêuticas e educacionais da realidade virtual (RV) para neurodiversidade, incluindo TEA e TDAH. O estudo sugere que a RV pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de habilidades sociais, permitindo que os adolescentes pratiquem interações em ambientes controlados e seguros. A imersão proporcionada pela RV ajuda a reduzir a ansiedade social e permite uma prática repetitiva das habilidades, o que pode ser particularmente benéfico para adolescentes que tem dificuldade em aplicar habilidades sociais em situações reais.

Galvez-Contreras *et al.* (2022) exploram as abordagens terapêuticas para o TDAH, considerando diferentes estágios de desenvolvimento e apresentações clínicas. Eles discutem como as habilidades sociais podem ser afetadas por diferentes subtipos de TDAH e como as intervenções devem ser ajustadas para atender às necessidades específicas de cada adolescente. O estudo enfatiza que a combinação de terapias comportamentais com suporte psicossocial é essencial para promover habilidades sociais, particularmente em adolescentes que apresentam uma combinação de sintomas de desatenção e hiperatividade.

Eckberg Zylstra, Swinth, Sidhu e Anderson (2024) conduziram um estudo piloto para avaliar a eficácia de um grupo de habilidades sociais liderado por terapeutas ocupacionais, que incluía também um componente de treinamento parental. Os resultados mostraram que os adolescentes que participaram do grupo demonstraram melhorias nas interações sociais e na resolução de conflitos, enquanto os pais relataram maior confiança em suas habilidades para apoiar o desenvolvimento social de seus filhos. Esse estudo reforça a ideia de que a terapia ocupacional, combinada com o envolvimento ativo dos pais, pode ser altamente eficaz no desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes com TEA e TDAH.

Ao comparar os estudos discutidos, observa-se uma concordância geral sobre a importância de intervenções precoces e adaptadas para o desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes com TEA e TDAH. Chaves *et al.* (2024) e Leite *et al.* (2024) destacam a importância do diagnóstico precoce e do início imediato de programas de intervenção social. Ambos os estudos sugerem que quanto mais cedo as dificuldades sociais são identificadas e tratadas, maior é a probabilidade de os adolescentes desenvolverem as competências necessárias para uma interação social bem-sucedida. Por outro lado, Domingues *et al.* (2024) acrescentam à discussão a importância de considerar o desenvolvimento motor como um fator interligado ao desenvolvimento social. Este ponto é particularmente relevante, pois sugere que intervenções que integram aspectos motores e sociais podem oferecer benefícios adicionais, ao contrário de abordagens que focam exclusivamente no desenvolvimento social. Esse dado é corroborado pelo estudo de Naruka e Upadhyay (2024), que propõe o uso de tecnologias como a realidade virtual

para criar ambientes imersivos onde os adolescentes podem praticar habilidades sociais e motoras de maneira integrada.

Van Mourik *et al.* (2024) e Eckberg Zylstra, Swinth, Sidhu e Anderson (2024) destacam a importância do envolvimento dos pais no processo terapêutico. Ambos os estudos demonstram que a capacitação parental pode amplificar os efeitos das intervenções de habilidades sociais, garantindo que as estratégias aprendidas sejam reforçadas no ambiente doméstico. Esses achados sugerem que o sucesso das intervenções de habilidades sociais depende não apenas da eficácia das técnicas utilizadas, mas também do suporte contínuo e consistente que os adolescentes recebem fora do ambiente clínico.

Galvez-Contreras *et al.* (2022) introduzem uma perspectiva adicional ao considerar as diferentes apresentações clínicas do TDAH e suas implicações para o desenvolvimento de habilidades sociais. Eles sugerem que as intervenções devem ser personalizadas não apenas com base no transtorno em si, mas também nas características específicas de cada adolescente, como a predominância de sintomas de desatenção ou hiperatividade. Este enfoque na personalização das intervenções é consistente com as recomendações de Chaves *et al.* (2024) e Leite *et al.* (2024), que também enfatizam a necessidade de adaptar as estratégias terapêuticas às necessidades individuais dos adolescentes. Finalmente, Naruka e Upadhyay (2024) apresentam uma abordagem inovadora ao explorar o uso da realidade virtual para o desenvolvimento de habilidades sociais. A RV oferece uma nova dimensão para a prática de habilidades sociais, permitindo que os adolescentes experimentem e corrijam suas interações em um ambiente simulado antes de aplicá-las em situações reais. Essa abordagem pode ser particularmente útil para adolescentes que sofrem de ansiedade social, proporcionando-lhes um espaço seguro para praticar e desenvolver confiança em suas habilidades sociais.

Os estudos discutidos demonstram a complexidade e a importância do desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes com TEA e TDAH. As abordagens terapêuticas variam desde intervenções tradicionais até o uso de tecnologias emergentes, como a realidade virtual, com todas elas mostrando potencial para melhorar as habilidades sociais desses adolescentes. No entanto, a eficácia dessas intervenções parece depender de vários fatores, incluindo o momento do diagnóstico, a personalização das estratégias terapêuticas, o desenvolvimento motor, e o envolvimento dos pais no processo terapêutico. Em última análise, os resultados sugerem que uma abordagem integrada e personalizada, que considere as necessidades específicas de cada adolescente e inclua o suporte parental e o uso de tecnologias inovadoras, pode ser a chave para o sucesso no desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes com TEA e TDAH. Essa abordagem pode não apenas melhorar a interação social e a comunicação desses jovens, mas também prepará-los melhor para enfrentar os desafios da vida adulta, promovendo uma maior independência e qualidade de vida.

3.4 A Importância da Transição para a Vida Adulta em Adolescentes com TEA e TDAH: Desafios e Intervenções Efetivas

A transição para a vida adulta é um período crítico e desafiador para adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Essa fase envolve mudanças significativas, como a conclusão do ensino médio, a entrada no mercado de trabalho, o desenvolvimento de habilidades de vida independente, e a adaptação a novos ambientes sociais e acadêmicos. Para jovens com TEA e TDAH, esses desafios são ainda mais pronunciados devido às dificuldades inerentes às suas condições, como problemas de atenção, dificuldades de socialização e comportamentos impulsivos (Cardoso *et al.*, 2024). É fundamental que as intervenções

sejam cuidadosamente planejadas e implementadas para apoiar esses jovens durante a transição, garantindo que eles possam alcançar seu potencial máximo e integrar-se de forma bem-sucedida na sociedade adulta.

O estudo de Cardoso *et al.* (2024) aborda as diferentes terapias farmacológicas e não farmacológicas utilizadas no manejo do TDAH, com destaque para a fase de transição para a vida adulta. Os autores discutem que, enquanto os medicamentos podem ser eficazes na gestão dos sintomas centrais do TDAH, como a desatenção e a impulsividade, as intervenções não farmacológicas, incluindo o treinamento de habilidades sociais e o suporte psicossocial, são essenciais para preparar os jovens para os desafios da vida adulta. Cardoso *et al.* (2024) enfatizam a importância de uma abordagem integrada que combine tratamentos farmacológicos com intervenções comportamentais e sociais, visando não apenas o controle dos sintomas, mas também o desenvolvimento de competências fundamentais para a independência.

King, Merrick e Le Couteur (2020) exploram o apoio necessário para jovens com TEA e problemas de saúde mental durante a transição para a vida adulta, com foco no acesso a serviços de saúde adequados. O estudo revela que muitos jovens com TEA enfrentam dificuldades significativas ao transitar dos serviços de saúde infantil para os serviços de saúde adulto, devido à falta de continuidade e à inadequação dos serviços disponíveis. Os autores sugerem que a transição deve ser cuidadosamente planejada e coordenada, com a participação ativa dos jovens e suas famílias no processo. King *et al.* (2020) também destacam a necessidade de capacitar os profissionais de saúde para lidar com as complexidades associadas ao TEA e ao TDAH, garantindo que os jovens recebam o suporte necessário para gerenciar suas condições na vida adulta.

Chancel, Miot, Dellapiazza e Baghdadli (2022) conduziram uma revisão sistemática sobre intervenções educacionais em grupo para adolescentes e jovens adultos com TEA sem deficiência intelectual, focando na transição para a vida adulta. Os autores encontraram evidências de que programas educacionais em grupo, que incluem treinamento de habilidades sociais e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, podem ser altamente eficazes na preparação dos jovens para a vida adulta. Esses programas permitem que os participantes aprendam e pratiquem habilidades em um ambiente seguro e estruturado, ao mesmo tempo que recebem apoio de seus pares. No entanto, Chancel, Miot, Dellapiazza e Baghdadli (2022) também apontam que a eficácia dessas intervenções depende da adaptação dos programas às necessidades específicas dos participantes, bem como do envolvimento contínuo dos educadores e terapeutas.

O estudo de Jonsson *et al.* (2021) apresenta o programa TRANSITION, projetado para apoiar jovens adultos com TEA e/ou TDAH na transição para a vida adulta. O programa combina elementos de terapia ocupacional, orientação vocacional e suporte psicossocial, com o objetivo de desenvolver habilidades práticas e sociais necessárias para a independência. Os resultados mostraram que os participantes do programa apresentaram melhorias significativas em áreas como gestão do tempo, habilidades de comunicação e desempenho em tarefas diárias. Jonsson *et al.* (2021) destacam que a abordagem integrada do programa, que inclui diferentes tipos de suporte, foi fundamental para o sucesso dos jovens, sugerindo que intervenções multifacetadas são mais eficazes para apoiar a transição para a vida adulta.

Young *et al.* (2020) forneceram orientações para a identificação e tratamento de indivíduos com TDAH e TEA, com ênfase na transição para a vida adulta. O estudo ressalta a importância de um

diagnóstico preciso e de uma intervenção precoce, que deve ser continuada durante a transição para a vida adulta. Young *et al.* (2020) sugerem que as intervenções durante a adolescência devem se concentrar não apenas no manejo dos sintomas, mas também na preparação dos jovens para os desafios da vida adulta, incluindo a entrada no mercado de trabalho e a gestão da vida independente. As orientações incluem a necessidade de planos de transição personalizados, que considerem as metas e aspirações individuais dos jovens.

Flegenheimer e Scherf (2022) conduziram uma revisão sistemática sobre a transição para a vida adulta em jovens com TEA que estão ingressando no ensino superior. O estudo identifica o ambiente universitário como um contexto de desenvolvimento fundamental para a vida adulta, mas também como um desafio significativo para jovens com TEA. Os autores apontam que, embora a faculdade possa oferecer oportunidades para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e sociais, muitos jovens com TEA enfrentam dificuldades significativas na adaptação ao ambiente universitário, incluindo a gestão do tempo, a organização das tarefas e a interação social. Flegenheimer e Scherf (2022) sugerem que as universidades devem oferecer suporte adicional para esses estudantes, incluindo programas de mentoria e acomodações específicas, para facilitar sua transição e sucesso acadêmico.

Adamo *et al.* (2024) discutem a continuidade do cuidado em saúde mental desde a infância até a vida adulta para jovens com TDAH, destacando a importância de uma transição suave entre os serviços de saúde infantil e adulto. Os autores argumentam que muitos jovens com TDAH perdem o acesso ao tratamento adequado durante a transição para a vida adulta, o que pode levar a uma piora dos sintomas e a dificuldades na integração social e profissional. Adamo *et al.* (2024) defendem a criação de serviços de transição especializados, que possam oferecer suporte contínuo e adaptado às necessidades dos jovens, garantindo que eles continuem a receber o tratamento necessário durante toda a vida adulta.

Os estudos discutidos oferecem uma visão abrangente sobre os desafios e as intervenções necessárias para apoiar jovens com TEA e TDAH durante a transição para a vida adulta. Cardoso *et al.* (2024) e Young *et al.* (2020) concordam na importância de uma abordagem integrada que combine tratamentos farmacológicos e não farmacológicos, enfatizando que apenas o controle dos sintomas não é suficiente para preparar os jovens para a vida adulta. Ambos os estudos sugerem que as intervenções devem se concentrar no desenvolvimento de competências práticas e sociais, que são essenciais para a independência e o sucesso na vida adulta.

King *et al.* (2020) e Adamo *et al.* (2024) destacam a importância da continuidade do cuidado durante a transição dos serviços de saúde infantil para adulto. Ambos os estudos apontam que a falta de continuidade pode levar a uma piora dos sintomas e a dificuldades na integração social. No entanto, enquanto King *et al.* (2020) enfatizam a necessidade de capacitar os profissionais de saúde para lidar com as complexidades do TEA e TDAH na vida adulta, Adamo *et al.* (2024) defendem a criação de serviços de transição especializados que possam oferecer suporte contínuo e adaptado.

Chancel, Miot, Dellapiazza e Baghdadli (2022) e Jonsson *et al.* (2021) oferecem evidências de que intervenções educacionais em grupo e programas integrados, como o TRANSITION, são eficazes para preparar os jovens para a vida adulta. Ambos os estudos destacam a importância de adaptar as intervenções às necessidades específicas dos participantes e de oferecer um suporte multifacetado, que combine diferentes tipos de apoio, como orientação vocacional, treinamento de habilidades sociais e suporte psicossocial. Esses achados sugerem que programas integrados e personalizados podem ser particularmente eficazes para apoiar a transição para a vida adulta em jovens com TEA e TDAH.

Flegenheimer e Scherf (2022) introduzem uma dimensão adicional ao considerar o ambiente universitário como um contexto de desenvolvimento fundamental, mas também desafiador, para jovens com TEA. Este estudo destaca que, embora a faculdade ofereça oportunidades para o desenvolvimento de habilidades, muitos jovens com TEA precisam de suporte adicional para navegar com sucesso nesse ambiente. A sugestão dos autores para a implementação de programas de mentoria e acomodações específicas alinha-se com as recomendações de Chancel, Miot, Dellapiazza e Baghdadli (2022) e Jonsson *et al.* (2021) para a adaptação das intervenções às necessidades individuais dos jovens.

A transição para a vida adulta é uma fase complexa e desafiadora para jovens com TEA e TDAH, exigindo intervenções cuidadosamente planejadas e implementadas para garantir que esses indivíduos possam alcançar seu potencial máximo e integrar-se de forma bem-sucedida na sociedade adulta. Os estudos discutidos destacam a importância de uma abordagem integrada e personalizada, que combine tratamentos farmacológicos e não farmacológicos, ofereça continuidade de cuidado durante a transição dos serviços de saúde infantil para adulto, e inclua intervenções educacionais e programas de suporte multifacetados. Além disso, o ambiente universitário é identificado como um contexto fundamental para o desenvolvimento da vida adulta, que requer suporte adicional para garantir o sucesso dos jovens com TEA. Em suma, o sucesso na transição para a vida adulta em jovens com TEA e TDAH depende de intervenções que não apenas gerenciem os sintomas, mas também desenvolvam as competências necessárias para a independência, incluindo habilidades sociais, vocacionais e acadêmicas. A criação de serviços de transição especializados, programas integrados e o suporte contínuo ao longo da vida adulta são fundamentais para garantir que esses jovens possam viver de forma independente e realizar todo o seu potencial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revisou a literatura existente sobre o desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais e comportamentais em adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), destacando as intervenções mais eficazes da terapia ocupacional e outras abordagens terapêuticas. Os achados confirmam que a transição para a vida adulta representa um período essencial para esses adolescentes, exigindo intervenções personalizadas e integradas que combinem suporte farmacológico, terapias comportamentais, treinamento de habilidades sociais, e programas de transição específicos.

A revisão indica que o diagnóstico precoce, aliado a intervenções contínuas e adaptadas às necessidades individuais, é fundamental para promover o desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais nesses jovens. As intervenções devem focar não apenas no manejo dos sintomas centrais dos transtornos, mas também no desenvolvimento de competências práticas e sociais que são essenciais para uma vida adulta independente e satisfatória. Programas como o TRANSITION e abordagens inovadoras, como o uso de tecnologias de realidade virtual, mostraram-se promissores na preparação dos adolescentes para os desafios da vida adulta. Além disso, a continuidade do cuidado durante a transição dos serviços de saúde infantil para os serviços de saúde adulto é um aspecto crítico que não pode ser negligenciado. A falta de continuidade no tratamento pode levar a uma piora dos sintomas e a dificuldades significativas na integração social e profissional. Portanto, a criação de serviços de transição especializados e o treinamento de profissionais de saúde para lidar com as complexidades do TEA e TDAH na vida adulta são essenciais.

As intervenções educacionais em grupo e o suporte contínuo ao longo da vida universitária também desempenham um papel importante no sucesso desses jovens na vida adulta. Instituições de ensino superior devem implementar programas de suporte adicionais, como mentorias e acomodações específicas, para garantir que estudantes com TEA possam navegar com sucesso pelo ambiente universitário. A terapia ocupacional, juntamente com outras abordagens terapêuticas e programas de suporte, é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais em adolescentes com TEA e TDAH. A combinação de intervenções personalizadas, a continuidade do cuidado e o suporte ao longo de toda a transição para a vida adulta são elementos chave para garantir que esses jovens possam alcançar seu potencial máximo e viver de forma independente e produtiva. Futuros estudos devem continuar a explorar e refinar essas abordagens, garantindo que as práticas terapêuticas sejam cada vez mais eficazes e adaptadas às necessidades individuais dos adolescentes com TEA e TDAH.

AGRADECIMENTOS. Esta pesquisa teve o apoio institucional do Centro Universitário Unijaguariibe-Polo Uninexo Mossoró-RN, e apoio estrutural (estrutura física e materiais) da Clínica Equilíbrio LTDA. Agradeço a todos que contribuíram, direta e indiretamente, com a realização desse trabalho, em especial minha família e pacientes.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES. **FCN:** Conceituação, Metodologia; Software, Curadoria de dados, Análise formal, Redação-rascunho original, Visualização, Investigação, Validação, Redação-revisão e edição, Aquisição de apoio estrutural, Administração do projeto, Recursos, Supervisão.

CONFLITO DE INTERESSE. A autora declara que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

APROVAÇÃO ÉTICA. Não se aplica.

REFERÊNCIAS

- ADAMO, N.; SINGH, S. P.; BÖLTE, S.; COGHILL, D.; NEWCORN, J. H.; PARLATINI, V.; PURPER-OUAKIL, D.; RAUSCH, J.; ROHDE, L.; SANTOSH, P.; BANASCHEWSKI, T.; BUITELAAR, J. K. Practitioner Review: Continuity of mental health care from childhood to adulthood for youths with ADHD – who, how and when? **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 65, n. 11, p. 1526-1537, 2024. Doi: 10.1111/jcpp.14036. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39014993/>. Acesso em: 25 set. 2024.
- CAHILL, S. M.; BEISBIER, S. Occupational therapy practice guidelines for children and youth ages 5–21 years. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 74, n. 4, p. 7404397010p1-7404397010p48, 2020. DOI: 10.5014/ajot.2020.744001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32602457/>. Acesso em: 25 set. 2024.
- CARDOSO, J. M. G.; LOPES, Y. C.; RIBEIRO, S. V.; DIAS, T. M. G. S.; MORAES, L. G.; ARAÚJO, A. T. C. P.; PEGORARO, P. H. F.; ARRUDA SOBRINHO, O. L.; PAULUCIO, D. S. S.; MORAES, A. K. V.; BARBOSA, L. E. M.; SOUSA, K. S. P.; SANTOS, L. F.; PENSO, J. H. D.; GHAZZAOUI, H. N. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): terapias farmacológicas e não farmacológicas. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 5, p. e337-e337, 2024. Doi: 10.56083/RCV4N5-110. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/337>. Acesso em: 25 set. 2024.

CASTRO, A. C. B. S.; FIGUEIRÓ, L. M.; SILVA, M. J. N.; SILVA, R. T.; GALHARDO, A. T. Sintomas e sinais semelhantes entre o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e transtorno do espectro autista. **Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza**, v. 18, 2024. Doi: 10.51249/easn18.2024.1950. Disponível em: <https://www.periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/1950>. Acesso em: 25 set. 2024.

CHANCEL, R.; MIOT, S.; DELLAPIAZZA, F.; BAGHDADLI, A. Group-based educational interventions in adolescents and young adults with ASD without ID: a systematic review focusing on the transition to adulthood. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 31, n. 7, p. 1-21, 2022. Doi: 10.1007/s00787-020-01609-1. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32889578/>. Acesso em: 25 set. 2024.

CHAVES, J. P. C. S. P.; PINTO, V. A. F. S.; SILVEIRA, C. S.; SIMON, S. L. F.; GURGEL, C. B. Psiquiatria da infância e adolescência: principais síndromes e terapêutica de escolha. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 4, p. 530-540, 2024. Doi: 10.51891/rease.v10i4.13471. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13471>. Acesso em: 25 set. 2024.

DOMINGUES, G. P. C.; EGIDIO, B. C. G.; VALANDRO, B. F.; SZNAJDER, L. B.; ROSA, L. O. M.; GALVÃO, L. C.; CAMPOS, L. G. G.; MACIEL, M. P.; MARTINS, N. C.; DORNELES, S. G. S. A. V. M. Atraso no desenvolvimento neuropsicomotor: fatores de risco e abordagens terapêuticas no Transtorno do Espectro Autista. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 4, p. e72384, 2024. Doi: 10.34119/bjhrv7n4-483. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/72384>. Acesso em: 25 set. 2024.

DOMÍNGUEZ-LUCIO, S.; COMPAÑ-GABUCIO, L. M.; TORRES-COLLADO, L.; DE LA HERA, G. M. Occupational therapy interventions using new technologies in children and adolescents with autism spectrum disorder: a scoping review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 53, n. 1, p. 332-358, 2023. Doi: 10.1007/s10803-022-05431-3. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35048236/>. Acesso em: 25 set. 2024.

ECKBERG ZYLSTRA, S.; SWINTH, Y.; SIDHU, A.; ANDERSON, J. Effectiveness of an Occupational Therapy-Led Social Skills Group Using Parent Training: A Pilot Study. **The Open Journal of Occupational Therapy**, v. 12, n. 3, p. 1-12, 2024. Doi : 10.15453/2168-6408.2225. Disponível em: <https://scholarworks.wmich.edu/ojot/vol12/iss3/3/>. Acesso em: 25 set. 2024.

FLEGENHEIMER, C.; SCHERF, K. S. College as a developmental context for emerging adulthood in autism: A systematic review of what we know and where we go from here. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 52, n. 5, p. 2075-2097, 2022. Doi: 10.1007/s10803-021-05088-4. Disponível em: <https://scholarworks.wmich.edu/ojot/vol12/iss3/3/>. Acesso em: 20 set. 2024.

GALVEZ-CONTRERAS, A. Y.; VARGAS-DE LA CRUZ, I.; BELTRAN-NAVARRO, B.; GONZALEZ-CASTANEDA, R. E.; GONZALEZ-PEREZ, O. Therapeutic approaches for ADHD by developmental stage and clinical presentation. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 19, p. 12880, 2022. Doi: 10.3390/ijerph191912880. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36232180/>. Acesso em: 20 set. 2024.

JONSSON, U.; COCO, C.; FRIDELL, A.; BROWN, S.; BERGGREN, S.; HIRVIKOSKI, T.; BÖLTE, S. Proof of concept: The TRANSITION program for young adults with autism spectrum disorder and/or attention deficit hyperactivity disorder. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, v. 28, n. 2, p.

78-90, 2021. Doi: 10.1080/11038128.2019.1695933. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31790309/>. Acesso em: 20 set. 2024.

KING, C.; MERRICK, H.; LE COUTEUR, A. How should we support young people with ASD and mental health problems as they navigate the transition to adult life including access to adult healthcare services. **Epidemiology and Psychiatric Sciences**, v. 29, p. e90, 2020. Doi: 10.1017/S2045796019000830. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7214707/>. Acesso em: 20 set. 2024.

LEITE, A. C. D.; SILVA, L. B.; COSTA, M. A. O.; MELO, W. F.; FECURY, A. A. Benefícios do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista e do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: uma revisão sistemática. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 4, p. 1242-1255, 2024. Doi: 10.51891/rease.v10i4.13528. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13528>. Acesso em: 20 set. 2024.

LIEN, K.-M.; KUO, C.-C.; PAN, H.-L. Improving Concentration and Academic Performance of a Mathematically Talented Student with ASD/ADHD: An Enrichment Program. **Education Sciences**, v. 13, n. 6, p. 588, 2023. Doi: 10.3390/educsci13060588. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2227-7102/13/6/588>. Acesso em: 20 set. 2024.

LINS, M. P. C.; OLIVEIRA, A. K. L.; LEOPOLDO, A. F.; DIMAS, D. R.; GONÇALVES, J. L.; DEPIANTI, J. R. B.; OLIVEIRA, J. D. Health profile and care demands of children with special health needs. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí**, v. 13, n. 1, 2024. Doi: 10.26694/reufpi.v13i1.5509. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/5509>. Acesso em: 20 set. 2024.

LOBATO, A. L.; DA HORA, A. F. L. T. Apresentação dos sintomas de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em Crianças com Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. **ID on line. Revista de Psicologia**, v. 14, n. 50, p. 750-763, 2020. Doi: 10.14295/online.v14i50.2471. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2471>. Acesso em: 20 set. 2024.

LUSSIER-DESROCHERS, D.; MASSE, L.; SIMONATO, I.; LACHAPELLE, Y.; GODIN-TREMBLAY, V.; LEMIEUX, A. Evaluation of the Effect of a Serious Game on the Performance of Daily Routines by Autistic and ADHD Children. **Advances in Neurodevelopmental Disorders**, v. 7, n. 4, p. 566-578, 2023. Doi: 10.1007/s41252-023-00319-4. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36777795/>. Acesso em: 20 set. 2024.

MARQUES, E. M. S. **Relato de experiência**: atuação da Terapia Ocupacional junto a crianças no espectro do autismo. 2023. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/38962>. Acesso em: 20 set. 2024.

NARUKA, V. S.; UPADHYAY, S. Virtual Reality (VR) and Neurodiversity: Therapeutic and Educational Applications. **As the editors of Transforming Learning: The Power of Educational**, p. 151, 2024. NOGUEIRA, G. D. R.; LEMOS, S. M. A.; BRITTO, D. B. O. Atividades e participação de crianças com transtornos de linguagem em atendimento ambulatorial segundo a CIF. **CoDAS**, v. 35, n. 4, 2023, e20220007. Doi: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20232022007pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/bjvdgNkQ8HYFCsqd4cwCdXN/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

PATTEN, K. K.; MURTHI, K.; ONWUMERE, D. D.; SKALETSKI, E. C.; LITTLE, L. M.; TOMCHEK, S. D. Occupational Therapy Practice Guidelines for Autistic People Across the Lifespan. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 78, n. 3, p. 7803397010, 2024. Doi: 10.5014/ajot.2024.078301. Disponível em: <https://research.aota.org/ajot/article/78/3/7803397010/25188/Occupational-Therapy-Practice-Guidelines-for>. Acesso em: 20 set. 2024.

PORTELA, E. N. Terapia cognitivo-comportamental: desafios e estratégias na implementação para autistas com alta funcionalidade. In: PORTELA, E. N. (Org.). **Educação, Neurodiversidade e Saúde: Políticas, Contextos e Práticas Inclusivas**. 1 vol. São Paulo: Editora Schreiben, 2024. Disponível em: <https://www.editoraschreiben.com/livros/educa%C3%A7%C3%A3o%2C-neurodiversidade-e-sa%C3%BAde%3A-pol%C3%ADticas%2C-contextos-e-pr%C3%A1ticas-inclusivas---volume-i>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS, K. S.; MARINHO, M. O.; SANTOS, M. S. B.; TRAMBAIOLI, V. S.; BHERING, C. A. A importância do diagnóstico precoce de TDAH para o desenvolvimento infantil. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 24, p. e14497-e14497, 2024. Doi: 10.25248/reamed.e14497.2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/14497>. Acesso em: 20 set. 2024.

SCHACHAR, R. J. DUPUIS, A.; ARNOLD, P. D.; ANAGNOSTOU, E.; KELLEY, E.; GEORGIADIS, S.; NICOLSON, R.; TOWNES, P.; BURTON C. L.; CROSBIE, J. Autism spectrum disorder and attention-deficit/hyperactivity disorder: shared or unique neurocognitive profiles? **Research on Child and Adolescent Psychopathology**, v. 51, n. 1, p. 17-31, 2023. Doi: 10.1007/s10802-022-00958-6. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36006496/>. Acesso em: 20 set. 2024.

STRAVOGIANNIS, A. L. **Autismo**: Quando o diagnóstico chega. Literare Books, 2024. VAN MOURIK, M.; MARSHALL, J.-M.; HOPKINS, L.; KEHOE, M.; WHITEHEAD, R. Building parental capacity: Outcomes of a therapeutic parent group run concurrently with a social skills group for their young person. **Adolescents**, v. 4, n. 3, p. 375-385, 2024. Doi: 10.3390/adolescents4030026. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-7051/4/3/26>. Acesso em: 20 set. 2024.

VIEIRA, J. M.; LOCATELLI, K. M. M.; SILVA, J. L.; AMÂNCIO, N. F. G. A. A relação entre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e a obesidade infantil: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 5195-5212, 2023. Doi: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p5195-5212. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1030>. Acesso em: 20 set. 2024.

XAVIER, C. E. L.; SCHÜTZ, A.; HALLBERG, S. C. M.; ARTECHE, A. X.; BANDEIRA, D. R. Diferenças no comportamento adaptativo entre crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e com desenvolvimento típico e efeitos de características sociodemográficas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 26, n. 2, 2024. Doi: 10.5935/1980-6906/ePTPHD16498.en. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/16498>. Acesso em: 20 set. 2024.

YOUNG, S.; HOLLINGDALE, J.; ABSOUD, M.; BOLTON, P.; BRANNEY, P.; COLLEY, W.; CRAZE, E.; DAVE, M.; DEELEY, Q.; FARRAG, E.; GUDJONSSON, G.; HILL, P.; LIANG, H.-L.; MURPHY, C.; MACKINTOSH, P.; MURIN, M.; O'REGAN, F.; OUGRIN, D.; RIOS, P.; STOVER, N.; TAYLOR, E.; WOODHOUSE, E. Guidance for identification and treatment of individuals with attention deficit/hyperactivity disorder and autism spectrum disorder based upon expert consensus. **BMC Medicine**, v. 18, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://bmcmmedicine.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12916-020-01585-y#citeas>. Acesso em: 20 set. 2024.